
Produção Musical na Rádio Unicamp: rádio universitário, música autoral e experimentação sonora¹

Juliana Oshima FRANCO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A intenção do texto é refletir sobre o papel do rádio universitário para a divulgação da música autoral e independente e como espaço de experimentação sonora, por meio de breve revisão bibliográfica sobre o tema e estudo de caso exploratório sobre um projeto desenvolvido na Rádio Unicamp com estudantes de música. A partir da experiência das *college radios* nos Estados Unidos, argumenta-se que as rádios universitárias brasileiras podem contemplar de forma mais efetiva os princípios da radiodifusão pública e educativa ao diversificarem a oferta musical por meio de uma relação mais próxima com grupos e artistas locais e regionais e com a cena independente, e ao ampliarem a participação de estudantes na produção musical e sonora, contribuindo para o fortalecimento do caráter comunitário dessas emissoras.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio universitário; produção musical; programação musical; música autoral; experimentação sonora.

INTRODUÇÃO

O trabalho discute a importância do rádio universitário para a divulgação e circulação da música autoral, local e independente, assim como espaço de experimentação sonora, a partir de práticas e reflexões proporcionadas pelo projeto que vem sendo desenvolvido nos últimos anos na Rádio Unicamp com a colaboração de bolsistas dos cursos de Música do Instituto de Artes (IA) da Universidade Estadual de Campinas.

A proposta é, através de breve revisão bibliográfica sobre o tema, realizar um estudo de caso exploratório pensando como a integração de estudantes em processos que envolvem a produção sonora e a programação musical de emissoras de rádio vinculadas a instituições de ensino superior pode favorecer não apenas a aprendizagem e a formação profissional, mas também a vocação dessas emissoras enquanto laboratório de experimentação de novas linguagens e formatos, além de seu papel estratégico para a democratização da comunicação, da cultura e do conhecimento –

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). E-mail: juf Franco@usp.br.

ainda que seja fundamental considerar que parte das emissoras universitárias nem sempre consegue, por meio da programação efetivamente oferecida aos ouvintes, colocar esses princípios em prática. Como alerta Zucoloto (2012, p. 239), “as emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias que se declaram públicas ainda não podem ser totalmente caracterizadas como tal. Nem mesmo pelas programações que transmitem de norte a sul do país”.

Ao reivindicar seu caráter público e/ou educativo, o rádio universitário brasileiro assume a responsabilidade de veicular uma programação distinta das emissoras comerciais, isto é, de ser uma alternativa à hegemonia das estações privadas no *dial* ou, quando isto não é possível, nas redes³. No entanto, é possível que essas emissoras acabem condicionadas a reproduzir um modelo de programação cultural e educativa que remonta aos primórdios da radiodifusão no país (TEIXEIRA & MEDEIROS, 2019), mas não necessariamente contribui para o enfretamento dos muitos desafios que atravessam o rádio na contemporaneidade, entre eles o impacto das emergentes formas de consumo de música (e *podcasts*) através de plataformas digitais e serviços de *streaming* sobre a circulação da produção musical independente (GAMBARO, VICENTE & RAMOS, 2018).

Apontamentos a partir da experiência norte-americana

Embora seja importante considerar que no Brasil, assim como nos países ibero-americanos, o desenvolvimento do rádio universitário assumiu outros contornos e objetivos – como sintetiza Guerrero (2015, p. 154, tradução própria), “a missão de levar a extensão cultural ao povo, por meio de conferências e outros formatos acadêmicos” – a experiência das *college radios* norte-americanas merece atenção não só pela relevância que essas emissoras assumiram na consolidação da *National Public Radio* (NPR)⁴, mas também por sua crescente influência sobre a indústria musical, em especial

³ Segundo Kischinhevsky *et al* (2022, p. 4), das 128 rádios universitárias mapeadas no país, 32 (40,9%) atuam como web rádios – que acaba sendo a alternativa mais viável diante do moroso e burocrático processo para obtenção de outorga de FM no Brasil. No universo mapeado, no entanto, 23 (19,5%) das emissoras estão fora de operação por motivos variados, que vão da “instabilidade regulatória até a crise orçamentária das instituições de ensino superior, passando por desinteresse de parte dos gestores, colapso de fundações de apoio e até mesmo disputas políticas motivadas pela alternância de grupos de poder nas universidades”.

⁴ Criada em 1967, a NPR é uma organização de mídia independente e sem fins lucrativos com cerca de 1000 emissoras associadas – mais da metade delas vinculada a faculdades ou universidades, mas também estações comunitárias, ligadas a entidades, conselhos locais ou a agências estatais, que contribuem com uma taxa para integrar a rede. Apesar de poderem utilizar os diversos conteúdos disponibilizados pela própria NPR ou pelas associadas, a veiculação de programação própria, voltada às comunidades locais, garante uma capilaridade que se tornou uma das

a partir da década de 1980, quando essas emissoras passam a se fortalecer como referência para a revelação de artistas e bandas da cena independente, como aconteceu, por exemplo, com o Nirvana e o grunge rock.

Segundo Wall (2007, p. 36-37), o compromisso das *college radios* com uma programação alternativa carrega o legado das estações pioneiras no segmento, que pensavam o rádio como parte de uma agenda progressista mais ampla visando, nos termos da época, à “elevação” cultural (*cultural “uplift”*) da sociedade, o que significava veicular uma programação musical, em geral, erudita – até a década de 1970, a NPR ainda distribuía gravações de concertos de música clássica para serem veiculados pelas emissoras públicas. Foi a partir do período pós-guerra, quando começa a prevalecer um modelo de programação majoritariamente musical no rádio, impulsionado pelo crescimento das estações em frequência modulada, que as emissoras universitárias ampliam seu escopo, passando a representar um estilo particular de rádio musical, associado à contracultura e à promoção de “culturas musicais alternativas”, com predomínio de gêneros como *jazz*, *world music*, *indie rock*, *folk* e música “americana” (WALL, 2007, p. 38-40)⁵. Como argumenta Sauls (1998), na grande maioria dessas emissoras, no entanto, oferecer uma programação alternativa passou a significar simplesmente veicular “música alternativa” – categoria controversa, principalmente quando artistas e bandas que compunham o repertório dessas emissoras passaram a ganhar notoriedade no chamado *mainstream*. Para Wall (2007, p. 51), no entanto, mais importante do que reforçar o senso comum que associa a programação das *college radios* ao rock alternativo, é atentar para os princípios de progresso e “elevação” cultural que continuam a desempenhar papel importante nas práticas discursivas dessas emissoras.

Guardadas as diferenças, é interessante notar como as rádios universitárias brasileiras também carregam um legado que remonta às emissoras pioneiras e a princípios forjados antes mesmo do estabelecimento de uma audiência relevante – que só se formou de fato a partir da criação de políticas para regulação da radiodifusão e da

principais marcas do rádio público naquele país: 98,5% da população norte-americana estaria dentro da área de cobertura de alguma estação da NPR (2023).

⁵ Segundo Vicente, De Marchi e Gambarro (2016), no Reino Unido – onde a *British Broadcasting Corporation* (BBC) durante décadas monopolizou os serviços de radiodifusão, tornando-se uma das principais referências mundiais de rádio público – foi o crescimento da audiência de emissoras comerciais continentais, somado à crescente atuação de rádios piratas a partir da década de 1960, que forçou a transição de um modelo de programação mais conservador, elitista e nacionalista (ligado a uma “missão civilizatória”), para um mais condizente ao gosto musical dos ouvintes da época, o que abriu espaço para a música *pop*, mas também para o rock progressivo e diferentes linhagens do *jazz* e do *blues*.

consequente expansão da exploração do setor por empresas privadas. Assim como as emissoras norte-americanas, as rádios universitárias em nosso país precisaram encontrar, diante de um espectro cada vez mais dominado pelas rádios comerciais (e da crescente concorrência com a televisão), um nicho de atuação que permitisse legitimar seu caráter cultural, educativo e/ou público, e ao mesmo tempo cativar segmentos mais amplos da população.

Se nos Estados Unidos elas aparentemente foram mais bem-sucedidas que no Brasil nessa empreitada, talvez isso se deva não só à existência de um sistema de radiodifusão público mais robusto e organizado, em que o papel das emissoras universitárias está mais bem definido, mas principalmente à forte presença de estudantes na gestão das emissoras e ao estreito vínculo que estas conseguiram estabelecer com suas comunidades locais e, conseqüentemente, com a cena musical independente. Ainda assim, talvez não seja exagero pensar que o rock alternativo se tornou para as *college radios* o que a MPB se tornou para as rádios universitárias brasileiras: um rótulo que, ao ser incorporado pela indústria musical e pelas emissoras comerciais, acabou por perder seu valor contracultural ou alternativo, impondo novos desafios a essas emissoras.

Produção e programação musical no rádio universitário: desafios contemporâneos

Embora a questão não seja o foco deste trabalho, parece inegável que as tensões entre “erudito” e “popular” continuam a aparecer com bastante frequência na programação das emissoras universitárias – por exemplo, no caso brasileiro, quando são priorizados gêneros musicais “mais elitizados”, como a música clássica, de concerto e instrumental, ou até a grande variedade de artistas classificados como MPB ou Nova MPB, em detrimento daqueles “mais populares”, como o sertanejo, o funk e o pop (RIBEIRO, 2018; 2023).

Como argumentam Ribeiro e Monteiro (2020), ao recusarem os gêneros e artistas mais veiculados pelas emissoras comerciais, as rádios universitárias enfrentam críticas por não contemplarem parcela significativa da audiência, podendo ser consideradas, assim, incapazes de atender ao interesse público plenamente. Diante da escassez de dados sobre a audiência dessas emissoras no país, bem como de estudos aprofundados sobre a programação musical e, principalmente, sobre os parâmetros e critérios utilizados para a curadoria realizada pelos profissionais ou colaboradores que atuam nessas emissoras, persiste o dilema de como conseguir atingir segmentos mais

amplos da sociedade, mantendo o compromisso com a oferta de uma programação que represente, de fato, uma alternativa às emissoras comerciais. E, obviamente, não será cedendo às pressões da indústria musical e passando a tocar os gêneros e artistas já consagrados no *mainstream* que esse dilema será solucionado.

É importante levar em consideração também que com a crescente influência das plataformas digitais e seus algoritmos sobre as formas de consumo de música e sobre a indústria fonográfica, a “vocalização contra-hegemonica” do rádio universitário ganha ainda mais relevância, não apenas porque a radiodifusão continua a ter papel central quando se trata de emplacar novas tendências musicais ou consagrar determinados gêneros e artistas, mas também porque, com a popularização dos serviços de *streaming*, o rádio ocupa uma função de curadoria musical e mediação cultural que os sistemas digitais e automatizados, por ora, não conseguem substituir. Se esse cenário aponta, como observam Gambaro, Vicente e Ramos (2018, p. 150), para uma tendência de deslocamento do rádio musical “da divulgação com vistas à ‘massificação’ para mercados de nicho, em circuitos relativamente independentes de consumo”, as emissoras universitárias estão diante de uma oportunidade única para fortalecer seu protagonismo tanto nos nichos em que já têm atuação reconhecida, como naqueles ainda inexplorados. Ao rádio universitário compete, nesse sentido, atuar mais para dissipar do que para acirrar tensões: ampliar os espaços de representação e participação dos diferentes grupos sociais, culturais ou de interesse na construção de uma programação mais plural e diversa, dando ênfase à cultura regional e à divulgação de artistas e grupos musicais locais e independentes, é um dos caminhos possíveis, reforçando a hipótese de que quanto mais comunitárias as emissoras universitárias forem, mais públicas elas também serão⁶.

Diante dos crônicos problemas de infraestrutura, financiamento e carência de profissionais especializados que as rádios universitárias brasileiras enfrentam (KISCHINHEVSKY *et al*, 2022; 2018), há de se atentar também para o risco de ficarem cada vez mais dependentes de bibliotecas digitais e outros serviços que disponibilizam trilhas sonoras gratuitamente ou com custo reduzido, ou conforme a tendência projetada para o setor, até mesmo trilhas compostas a partir de Inteligência Artificial (SOUZA, 2022), o que pode limitar o potencial experimental e criativo dessas emissoras. Ainda

⁶ Trata-se de uma discussão central na pesquisa de doutorado em andamento, que tem como objeto as rádios universitárias públicas paulistas.

que não tenham sido encontrados estudos mais abrangentes a esse respeito, é possível presumir que se profissionais especializados em produção musical, sonorização ou composição de trilhas originais se tornaram escassos até mesmo nas rádios comerciais, nas rádios universitárias o cenário pode ser ainda mais preocupante – não fosse a possibilidade de engajar os diferentes segmentos das comunidades acadêmicas nos processos de produção sonora, fazendo valer o papel das emissoras universitárias como laboratório para experimentação e desenvolvimento de novos formatos e possibilidades expressivas.

“Música e informação de qualidade”

Inaugurada em 2013, a Rádio Unicamp é uma emissora web atualmente vinculada à Coordenadoria de Rádio e TV da Secretaria Executiva de Comunicação da Universidade Estadual de Campinas (SEC/Unicamp), órgão subordinado à reitoria. Prestes a completar 10 anos de existência (mais precisamente, no dia 19 de novembro de 2023), a emissora enfrenta nos últimos anos o impacto de sucessivas mudanças realizadas nas estruturas de comunicação da Unicamp, indicando a desconstrução de um projeto incipiente de rádio educativo, como alertado anteriormente (FRANCO, 2023). Embora durante a gestão do reitor Marcelo Knobel (2017-2021) a Unicamp tenha ampliado esforços para obter uma outorga de rádio FM (educativa ou comunitária) na cidade de Campinas (SP), com o avanço da implantação da SEC e a consequente reestruturação dos fluxos de trabalhos, os planos de inserir a Rádio Unicamp no *dial*, assim como a programação que vinha sendo construída desde sua inauguração, deixaram de ser prioridade. Mesmo existindo um processo de outorga para rádio comunitária em andamento desde 2022, em nome da Fundação para o Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp), para a atual gestão prevalece o entendimento de que a baixa audiência do *streaming* não justifica “o esforço”, e que o ideal seria encerrar as transmissões, passando a investir exclusivamente na produção de *podcasts* – o que, no entanto, significaria abandonar a possibilidade de veiculação de uma programação musical pela emissora web, ainda que haja muitas ressalvas acerca da que vem sendo transmitida nos últimos anos.

Com slogan “Música e informação de qualidade”, a emissora web segue um formato predominantemente musical, com presença de algumas produções próprias (em geral, reportagens e boletins informativos ou programas de entrevistas), e outros poucos

programas produzidos em parceria com diferentes setores da Universidade (como o Hospital de Clínicas e a Editora da Unicamp) ou por colaboradores voluntários. A programação é veiculada principalmente por meio de uma ferramenta de *streaming* de áudio implantada no site da SEC⁷, ou mais pontualmente através de plataformas de *podcasts*. Apesar de pagar uma taxa anual para o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), não são gerados relatórios das músicas tocadas, nem há dados sobre a audiência – que, ao menos no *streaming*, em que é possível verificar o número de usuários conectados em tempo real, nunca foi significativa. Ainda assim, durante o período em que a reitoria atuou mais energicamente em busca da FM, o *streaming* assumiu o caráter de “balão de ensaio” para a programação de uma futura estação hertziana, sendo alvo de diferentes esforços visando ampliar e diversificar a oferta de programas (CAMARGO, 2019).

Desde o início de 2020, porém, a programação musical veiculada pela emissora web não é atualizada, salvo raras exceções. Organizada a partir de critérios bastante pessoais por um profissional que se aposentou pouco antes da eclosão da pandemia, a rádio segue transmitindo 24 horas por dia, por meio de um software para automação da programação, a mesma seleção musical. Como a Rádio Unicamp não conta com um acervo fonográfico físico nem digitalizado, acredita-se que as faixas tocadas foram extraídas de acervos pessoais ou mesmo baixadas pela Internet. Tampouco há na página oficial da emissora qualquer informação sobre a linha editorial seguida ou sobre a programação veiculada atualmente.

Segundo a última publicação encontrada⁸, a grade musical estava organizada da seguinte forma: “Madrugada Rock”, de meia-noite às 3 horas da manhã; “Internacional e *Flashback*”, repetida quatro vezes ao dia (3 às 5h / 9 às 11h / 14 às 16h / 22 às 24h); “Instrumental”, entre 11 e 13 horas; e “MPB”, também tocada quatro vezes por dia (5 às 9h / 16 às 17h / 18 às 20h / 21 às 22 h). A identificação dos artistas, compositores e músicas veiculadas dentro de cada faixa de horário, no entanto, segue um desafio: mesmo estabelecendo alguma metodologia de escuta sistematizada da programação, os dados coletados seriam possivelmente inconclusivos, pois não há a presença de um locutor apresentando as músicas e artistas tocados, nem são utilizadas ferramentas

⁷ Disponível em: <http://www.sec.unicamp.br>.

⁸ Com a implantação da SEC, em 2020 o domínio www.rtv.unicamp.br foi substituído pelo atual. A grade de programação foi recuperada por meio do site *Web Archive* (2023), num registro de dezembro de 2019, anterior a essa mudança, portanto.

digitais que permitiriam exibir, no *player* da emissora web, informações sobre o que está sendo veiculado, dificultando análises mais abrangentes. Ainda assim, uma escuta despretensiosa permite notar a predominância de composições e artistas consagrados, em especial nas faixas dedicadas à MPB.

Tomando como referência o estudo realizado por Ribeiro (2019) em torno da programação musical da Rádio USP e da Rádio Unesp – as duas mais antigas rádios universitárias do Estado de São Paulo – é possível notar que, também na Rádio Unicamp, a MPB é um dos gêneros predominantes – o que, grosso modo, acontece na maior parte das emissoras universitárias do país (ZUCOLOTO, 2012; KISCHINHEVSKY *et al*, 2019). Além do rock e da música instrumental, que também costumam estar presentes na grade musical dessas emissoras, chama atenção o grande espaço voltado a “Internacional e Flashback” – segmento que, no Brasil, é explorado principalmente pelas rádios comerciais, geralmente como estratégia para angariar ouvintes por meio de *hits* de sucesso internacional.

Ao longo de sua breve história, a Rádio Unicamp nunca contou com programadores profissionais, ou mais do que dois ou três funcionários de carreira, que se desdobram entre as inúmeras atividades necessárias para a veiculação de 24 horas diárias de programação, contando com um único estúdio de gravação e equipamentos defasados. Isso só é possível pela adoção do formato conhecido como “vitrolão” e pela automatização da programação, que permite tocar aleatoriamente um mesmo repertório musical, somente interrompido por alguns programas de caráter informativo.

A negligência das sucessivas gestões com a manutenção de uma estrutura mínima produção sugere que falta consciência sobre o potencial estratégico do rádio universitário, e também vontade política de investir na construção de uma programação que possa fazer jus ao *slogan* da emissora (com todas as ressalvas que o adjetivo “qualidade” merece) – o que não seria difícil numa universidade que já foi sede de uma das mais simbólicas rádios livres do país: a Rádio Muda, que ao longo de mais de três décadas, a partir de transmissores caseiros produzidos pelos próprios estudantes, ocupou o espectro local com uma programação essencialmente musical e colaborativa.

Música autoral e experimentação sonora: uma experiência na Rádio Unicamp

O projeto “Produção Musical na Rádio e TV Unicamp” foi selecionado em 2020 pelo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), da Pró-Reitoria de Graduação (PRG), na

modalidade Bolsa Auxílio Estudo e Formação (BAEF)⁹, que somente pode ser pleiteada por estudantes de graduação que tenham concluído 75% da grade curricular obrigatória (geralmente matriculados no último ano do curso). Com o objetivo de ampliar a presença da música autoral e local nas produções audiovisuais da Rádio e TV Unicamp, a proposta é que os estudantes possam, de acordo com seus interesses, habilidades ou experiência prévia, dedicar-se a diferentes atividades, como a produção de trilhas sonoras e vinhetas originais para os diferentes programas; a sonorização (com trilhas originais ou preexistentes) de reportagens e outros conteúdos em áudio e vídeo; e a organização de *playlists* musicais para a programação *streaming* da Rádio Unicamp, com foco na divulgação de compositores, cantores, instrumentistas e grupos musicais da comunidade universitária e de música independente. Desde a aprovação pelo SAE, passaram pelo projeto três estudantes do Instituto de Artes: a primeira bolsista, em 2021, aluna da graduação em Música/Percussão; a segunda, em 2022, do curso de Música Popular/Canto; e o terceiro, que segue vinculado até o final de 2023, aluno da Licenciatura em Música.

A primeira bolsista, que já dominava ferramentas de composição musical, contribuiu principalmente com a criação de trilhas originais de curta duração, utilizadas em vinhetas e spots institucionais para o *streaming* – a partir de algumas diretrizes prévias, ela compunha as partituras num software específico, e depois gerava uma versão em MIDI de cada trilha para que o restante da equipe pudesse avaliar e escolher as que seriam gravadas com instrumentos, na maior parte das vezes, de percussão, sua área de estudo e formação. Trabalhando remotamente por conta da pandemia, ela também iniciou os contatos com diversos grupos musicais e artistas da comunidade acadêmica, tendo organizado as primeiras *playlists* de programação musical independente, incluindo tanto composições autorais, como versões de músicas de artistas e compositores mais ou menos conhecidos. Buscando organizar esse processo, foi desenvolvido um documento para que os artistas e grupos autorizassem a veiculação de suas músicas na rádio. Uma das artistas que havia enviado uma versão de uma música mais conhecida, no entanto, questionou como poderia autorizar a veiculação de uma composição que não era dela, levando a discussões sobre os direitos autorais nesse

⁹ A Bolsa Auxílio Estudo e Formação (BAEF) oferece atualmente remuneração mensal de R\$ 1.255,73 (sendo R\$ 996,13 de bolsa, mais cerca de R\$ 259,60 em vale-transporte), além de acesso à alimentação (café da manhã, almoço e jantar) nos restaurantes universitários, para jornada de 20 horas semanais de atividades – o maior valor mensal entre as diferentes modalidades de auxílio oferecidas pela Unicamp a partir de critérios socioeconômicos.

tipo de situação. Sem muitas informações disponíveis sobre o tipo de licença paga pela Unicamp ao Ecad, a questão foi encaminhada para parecer da Procuradoria Geral da Universidade, enquanto o modelo de autorização deixou de ser utilizado. Para evitar impasses futuros, a solução foi concentrar esforços na veiculação de músicas autorais.

A segunda bolsista não tinha tanto interesse e experiência em composição musical, e embora tenha trabalhado na sonorização de reportagens e na produção de algumas vinhetas, dedicou-se principalmente à ampliação do acervo de músicas e gravações de artistas e grupos musicais da Unicamp, passando a apresentar os artistas e músicas que começaram a ser veiculadas na emissora web em faixas de programação fixas com 30 minutos de duração (de segunda a sexta, às 9h, 12h30 e 18 horas), visando à futura transmissão do *streaming* nos horários de maior fluxo nos restaurantes universitários – o que não chegou a acontecer. A aluna também iniciou a produção de uma série de entrevistas com grupos e artistas da Unicamp (Som da Casa), que contou com a participação de artistas com diferentes perfis, como o Duo Tatarana, formado pelo violonista Lai Guimarães e o percussionista Nicolas Faria, ambos ex-alunos do Instituto de Artes, que tocaram ao vivo, durante a gravação do programa, um repertório integralmente formado por composições próprias. As quatro edições gravadas, no entanto, não foram veiculadas por diversas contingências.

Já o bolsista que ingressou em 2023 vem se dedicando principalmente à criação de “pacotes” de trilhas sonoras originais (“trilhas brancas”) para utilização tanto nas produções em áudio quanto em vídeo, por meio de softwares digitais de composição ou instrumentos próprios. Isso porque o trabalho de pesquisa e curadoria para a programação musical da Rádio Unicamp, assim como as entrevistas com grupos e artistas da comunidade acadêmica, foram suspensos pelos gestores no início do ano, como parte da reestruturação prevista na emissora. As trilhas que vem sendo compostas pelo aluno têm duração média de 1 a 2 minutos, a maior parte produzida por meio de sintetizadores de áudio, remetendo a uma estética bastante televisiva, já que vêm sendo utilizadas principalmente na sonorização de reportagens em vídeo. Assim como acontece nos bancos digitais, as trilhas originais vêm sendo classificadas a partir de gêneros musicais, instrumentos predominantes ou “clima” (calmo, alegre, suspense etc.), visando facilitar a utilização pelos editores. O bolsista também tem se dedicado à composição de trilhas originais para um vídeo institucional da Secretaria Executiva de Comunicação, ainda em fase de produção.

Considerações finais

Até então, as experiências proporcionadas pelo projeto permitiram ampliar a presença da música autoral produzida pela comunidade universitária na programação da Rádio Unicamp, ainda que de maneira insuficiente diante da grande diversidade cultural que a emissora teria potencial para contemplar. A criação de horários específicos para a produção autoral e independente em meio a uma programação musical que não vinha sendo atualizada há anos foi uma tentativa de contribuir para a divulgação de uma cena musical que não alcança os veículos tradicionais, permanecendo restrita ao meio acadêmico. Já entre as atividades de produção musical, merece destaque a proposta de criação de trilhas sonoras e vinhetas originais, que permite diminuir a dependência de bancos digitais de trilhas, ainda que seja importante buscar ampliar referências estéticas para poder aproveitar de maneira mais criativa e expressiva os diversos recursos que a linguagem sonora e radiofônica oferece. Assim, o projeto representa um pequeno, mas importante passo no sentido de construir uma programação mais próxima de princípios fundamentais para a atuação de rádios universitárias, educativas e públicas, além de uma valiosa oportunidade para integração de estudantes de música que, apesar das diversas limitações, têm conseguido fazer valer o caráter laboratorial e experimental que distingue essas emissoras, desenvolvendo atividades de criação sonora e curadoria musical que contribuem para uma programação mais diversificada e original.

Fica evidente, no entanto, que a falta de um projeto editorial e de uma linha de programação musical mais consistente na Rádio Unicamp leva à reprodução de gêneros musicais que, embora arraigados na trajetória das emissoras públicas e educativas do país, merecem ser repensados – sem esse tipo de reflexão, o impacto desse tipo de projeto, ainda que positivo, seguirá limitado e pontual. Preocupa, sobretudo, que os planos de encerramento das transmissões via *streaming* em discussão na SEC representem mais que o fim do projeto, o fim da própria emissora web, como alertam estudos que vêm se dedicando ao mapeamento do rádio universitário no país.

Ainda que as pesquisas acerca da programação musical das emissoras universitárias brasileiras continuem escassas, tudo indica que aquelas rádios que mantêm uma relação mais próxima com a cultural local e regional e com a cena musical independente cumprem seu papel de forma mais contundente e significativa, em especial num sistema de radiodifusão dominado pelas emissoras comerciais. A

experiência das *college radios* norte-americanas, nesse sentido, pode ser uma importante referência para modelos de gestão e de programação mais participativos, que fortaleçam o caráter comunitário que poderia tornar essas emissoras mais relevantes no cenário cultural e midiático brasileiro e, conseqüentemente, na consolidação do rádio público no país.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, J. O. Avanços e retrocessos na construção da Rádio Unicamp. In: VICENTE, E. (Org). **Sonoridades Midiáticas: rádio, música e cinema**. São Paulo: ECA/USP, 2023. p. 140-176. *E-book*. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1037>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- GUERRERO, M. V. La radio universitária em Iberoamerica: transcendencia y retos. **Comunicación y Medios**, n. 31, p. 151-170, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5242909> . Acesso em: 5 jul. 2023.
- KISCHINHEVSKY, M.; MUSTAFA, I.; MACHADO, L.; RANCAN, L. Rádios Universitárias no Brasil: expansão em risco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: Intercom, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0802202218023162e990e767645> . Acesso em: 2 jul. 2022.
- KISCHINHEVSKY, M.; MUSTAFA, I.; MALERBA, J. P.; MONTEIRO, L. RAMOS, C. BUSSINGER, E; KEBIAN, G.; CAÊ, R. Rádios Universitárias no Brasil: diferentes modos de endereçamento da programação em fluxo. **LIS: Letra. Imagem. Somido**, Buenos Aires, v. 11, n. 20, p. 146-174, 2019. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/5392>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- KISCHINHEVSKY, M.; MUSTAFÁ, I.; PIERANTI, O.; HANG, L. Rádios Universitárias no Brasil: um campo em constituição. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, p. 132-142, 2018. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/496>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- MARTIN PENA, D.; GOMEZ-CRISÓSTOMO, ROMO-FERNANDÉZ, L. M. Producción científica sobre radio universitária (Scopus, 2000-2017). **Cuadernos de Documentación Multimedia**, v. 30, p. 59-74, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6961495> . Acesso em: 19 jul. 2023.
- NATIONAL PUBLIC RADIO. **About NPR**. 2022. Disponível em: <https://www.npr.org/about/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- RIBEIRO, H. L. Radio universitário: análise da programação a partir dos relatórios Ecad. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1447-1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

-
- RIBEIRO, H. L. Rádio universitário: interesse público ou elitismo na programação? *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 23., 2018. Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1499-1.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- RIBEIRO, H. L. Rádio universitário: programação musical e esfera pública. *In*: VICENTE, E. (Org). **Sonoridades Midiáticas: rádio, música e cinema**. São Paulo: ECA/USP, 2023. p. 113-138. *E-book*. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1037>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- RIBEIRO, H. L.; MONTEIRO, C. B. Rádio universitário e interesse público: uma análise a partir da programação musical. **Radiofonias**, Mariana, v. 11, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4603/3648>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- SAULS, S. J. The role of alternative programming in college radio. **Studies in Popular Culture**, v. 21, n. 1, p. 73-81, out. 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23415267>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- SOUZA, G. C. Da curadoria ao algoritmo: criação de trilhas por Inteligência Artificial e bibliotecas digitais. **Revista Eco-Pós**, v.25, n.1, p. 301-319, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27869. Acesso em: 7 jul. 2023.
- TEIXEIRA, N.; MEDEIROS, R. Bases históricas para os modelos de programação das rádios universitárias públicas. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.8120197280>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- VICENTE, E.; DE MARCHI, L.; GAMBARO, D. O rádio musical no Brasil: elementos para um debate. *In*: **Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do grupo de pesquisa rádio e mídia sonora da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 457-476. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002790857.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- WALL, T. Finding an alternative: music programming in US college radio. **The Radio Journal – International Studies in Broadcast and audio media**, v. 5, n. 1, p. 35-54, 2007. doi: [10.1.386/rajo.5.1.35/1](https://doi.org/10.1.386/rajo.5.1.35/1)
- WEB ARCHIVE. Internet Archive Wayback Machine. Busca pelo domínio [www.rtv.unicamp.br]. Registro da página em 21 dez. 2019. Disponível em: http://web.archive.org/web/20191221054758/https://www.rtv.unicamp.br/?page_id=565. Acesso em: 20 jul. 2023.
- ZUCOLOTO, Valci. **A programação das rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.